

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XX Jornada de Pesquisa

FONTE DE VIDA: UM GESTO DE LEITURA DE UMA METÁFORA SOBRE A CRÍTICA¹

Stefani Daiana Kreutz².

¹ Estudo elaborado a partir da disciplina “Discurso e Leitura”, ministrada pelo professor Valdir Prigol.

² Aluna do Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), stefani.kreutz@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

No presente ensaio, realizamos um exercício de leitura de uma metáfora produzida no âmbito da crítica, na perspectiva da Análise de Discurso francesa, baseada em Michel Pêcheux. Através desse exercício, também focalizamos uma obra que trata da crítica, publicada em 1961 mas que ainda nos parece bastante atual. Trata-se do livro “Clareza e Mistério da Crítica”, escrito por Adolfo Casais Monteiro, professor, escritor e crítico literário português que residiu no Brasil.

Nesse livro, Casais Monteiro demonstra o papel do crítico como responsável por dar vida à arte. Com uma linguagem repleta de metáforas, ele aborda o presente de leitura, a necessidade de analisar a arte/literatura pelo seu valor enquanto arte. Esse foi também nosso ponto de partida: ler a obra de Casais Monteiro pela sua importância na atualidade. Intencionamos “dar vida” ao seu texto. Nosso objetivo é compreender o funcionamento da metáfora, não como figura de linguagem, mas, na perspectiva da Análise de Discurso, como deslocamento de sentidos, como a tomada de uma palavra por outra (ORLANDI, 2013, p. 44). Ancoramo-nos, ainda, na definição de Pêcheux, de que “a metáfora aparece fundamentalmente como uma perturbação que pode tomar a forma do lapso, do ato falho, do efeito poético, do Witz ou do enigma” (2012, p. 160). Assim, a metáfora seria a formulação que traz à textualidade um deslocamento contextual, uma curiosidade ou estranhamento que contribui de forma especial na produção dos sentidos, indo além da literalidade. Consideramos que um gesto de interpretação de metáfora permite ler não somente o texto, mas também o sujeito autor e o sujeito leitor que estão envolvidos na discursividade.

METODOLOGIA

Nossa pesquisa é bibliográfica. O corpus de análise é o texto “A Crítica e a Arte Moderna”, terceiro capítulo do livro “Clareza e Mistério da Crítica”, de Casais Monteiro. Seguindo um percurso metodológico na perspectiva da Análise de Discurso, iniciamos o estudo com a leitura do texto e a identificação de elementos que se diferenciavam do discurso logicamente estabilizado, curiosidades e/ou perturbações, seguindo Pêcheux em seu conceito de metáfora. Identificamos, então, a ideia da crítica como “fonte de vida”. Uma expressão falando por outras, fazendo emergir sentidos diversos no discurso teórico. Após identificar esse recorte, mobilizamos alguns outros conceitos da Análise de Discurso, especialmente, condições de produção e historicidade.

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XX Jornada de Pesquisa

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao tratar sobre a arte e o seu valor no tempo presente, Adolfo Casais Monteiro sugere que a crítica produz uma mediação para que a arte sobreviva do passado. Defende que o trabalho da crítica permite que a arte produza sentidos ao longo do tempo, não se tornando simples registro histórico. Nessa argumentação, ele apresenta uma metáfora ao dizer que esse trabalho de intermediação da crítica é para a arte como “fonte de vida”. O autor propõe esse deslocamento de sentido ao afirmar que as formas de arte não são um “mundo à parte, que possa existir isolado dos homens [...] para serem tornados presentes precisam contudo de um intermediário que os traga à nossa proximidade, e além disso de pontes que os liguem entre si” (CASAIS MONTEIRO, 1961, p. 47).

Ou seja, a arte precisa existir de forma conectada aos homens. Mas, para isso, é preciso que exista uma mediação que a evoque constantemente para que não seja esquecida diante das novidades de cada época. Logo depois da apresentação desse pensamento, é enunciada a metáfora “fonte de vida”, conforme a seguinte sequência discursiva (SD):

(SD1) “A interpretação é indispensável, para que a sua permanência constitua uma ‘fonte de vida’, e não uma eternidade despegada do homem” (CASAIS MONTEIRO, 1961, p. 47).

Com essa metáfora, podemos entender que a abordagem da crítica (interpretação) é indispensável para que a arte se revigore com o passar do tempo. Através dessa imagem, o autor gera um deslocamento de sentido, remetendo o sujeito leitor a uma outra discursividade, a um outro contexto. Ao falar de fonte, entendemos que no discurso da teoria literária há um atravessamento de uma discursividade mais simples e cotidiana. O autor faz emergir a imagem de uma fonte no sentido concreto, remetendo à ideia de nascente (de água), produzindo um efeito de sentido de origem, de procedência. Com esse deslocamento, podemos compreender a concepção que Casais Monteiro tem da crítica como origem, nascedouro, da vida da arte.

O autor reforça que “para a crítica, a arte que foi criada no passado tem que ser encarada como se continuasse a acontecer, pois que lhe importa o seu lado vivo como arte, e não a sua significação para qualquer espécie de história” (CASAIS MONTEIRO, 1961, p. 49). A função da crítica seria manter viva a essência da arte, não a tratando como mero objeto de classificação histórica.

Podemos compreender melhor essas ideias ao identificar as condições de produção da metáfora em análise. O livro “Clareza e Mistério da Crítica” reúne textos que circularam previamente na imprensa portuguesa e brasileira, ou seja, há partes dessa obra que foram publicadas originalmente em jornais e que, posteriormente, foram complementadas e reunidas nesse único volume. Particularmente, o texto que é objeto do presente estudo foi inicialmente publicado em um caderno de cultura do Ministério da Educação (CASAIS MONTEIRO, 1961, p. 10). Entendemos que este seria o contexto imediato da produção de Casais Monteiro. Nas palavras de Orlandi, este seria “o aqui e o agora do dizer” (2006, p. 15). O autor escreve, basicamente, para os leitores de jornal, um grande público das mais variadas classes, conhecimentos e gostos.

Já o contexto mais amplo, “sócio-histórico, ideológico” (ORLANDI, 2006, p. 15), do aparecimento da metáfora, e do livro, é de resistência ao pensamento que estava desenvolvendo-se no Brasil em torno da metade do século XX, referente à teoria da literatura. Podemos compreender que esse movimento de resistência estrutura-se, principalmente, pelas concepções defendidas pelo teórico Afrânio Coutinho que, após retornar de estudos nos Estados Unidos, iniciou, em 1948, uma

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XX Jornada de Pesquisa

“polêmica contra a crítica de rodapé” (CASTRO ROCHA, 2011, p. 165). Ele defendia a especialização universitária, o estudo sistemático de literatura, e, nesse sentido, um “método correto de leitura” (Ibid., p. 100). A contrariedade de Afrânio Coutinho foi radical. Segundo ele, a instituição do rodapé “é condenável por todos os aspectos como um dos responsáveis pelo atraso, ou, por que não dizer, pela inexistência da crítica literária entre nós” (COUTINHO apud CASTRO ROCHA, 2011, p. 12-13). Ele defendia o cientificismo, com análises objetivas, baseadas em padrões e critérios pré-estabelecidos (CASAIIS MONTEIRO, 1961).

Isso nos permite sinalizar que Casais Monteiro foi diretamente afetado, já que difundia suas ideias acerca da literatura e da crítica essencialmente em rodapés de jornais. Consideramos, então, que as concepções sobre a vida da arte, que geraram a metáfora em análise, buscam opor-se a essa dureza do pensamento científico.

Observadas as condições de produção, voltamos nosso olhar para os deslizamentos. Entendemos que o efeito de sentido produzido pela metáfora “fonte de vida” desliza pelo fio do discurso, provocando uma transferência do contexto de algumas palavras, que trazem ao texto ideia semelhante à crítica como vida. Cabe apontar que, quando nos referimos a deslize, temos como base a noção de efeito metafórico de Pêcheux. Segundo ele, “chamaremos efeito metafórico o fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual, para lembrar que esse ‘deslizamento de sentido’ entre x e y é constitutivo do ‘sentido’ designado por x e y” (PÊCHEUX, 1997, p. 96). Orlandi também afirma que “a deriva, o deslize é o efeito metafórico, a transferência, a palavra que fala por outras” (2013, p. 53). Nesse sentido, em nosso gesto de interpretação, podemos perceber alguns deslizamentos, algumas palavras falando por outras, nas seguintes SDs:

(SD2) “[...] provar que revolução não é subversão, mas a forma necessária que assume o enriquecimento, o ‘rejuvenescimento’ da arte [...]” (CASAIIS MONTEIRO, 1961, p. 52).

(SD3) “A esse crítico compete desfazer equívocos, dismantelar os falsos argumentos, mostrar que a arte não pode ser imobilidade, [...] mas uma ‘renovação’ necessária [...]” (CASAIIS MONTEIRO, 1961, p. 53).

Assim, com as expressões ‘fonte de vida’, ‘renovação’ e ‘rejuvenescimento’, percebemos uma sequência, um efeito metafórico, que desliza no fio do discurso. Entendemos que nesses deslizamentos ocorrem os efeitos de sentido de crítica como renovação (tornar-se novo, vida nova, revigorar-se) e como rejuvenescimento (tornar-se mais jovem, vivaz). Há uma inter-relação de sentidos que nos remetem sempre à ideia inicial, à imagem da “fonte de vida”.

Ao identificarmos esse efeito metafórico, podemos pensar nas redes de filiações de sentidos, isto é, na memória que esses deslizamentos fazem emergir. Mobilizamos a noção de historicidade que, entendida também como interdiscurso, segundo Orlandi, trata-se do “saber discursivo que foi-se constituindo ao longo da história e foi produzindo dizeres” (2013, p. 33). É aquilo que já foi dito, que fala antes, é a memória do dizer. A mesma autora demonstra a relação próxima entre efeito metafórico e historicidade. Para ela, “o efeito metafórico, o deslize – próprio da ordem do simbólico – é lugar da interpretação, da ideologia, da historicidade” (ORLANDI, 2013, p. 80). Dessa maneira, inferimos que há um já-dito, uma memória, que colabora no efeito de sentido produzido no texto de Casais Monteiro. Analisemos, então, algumas possibilidades.

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XX Jornada de Pesquisa

A imagem de Casais Monteiro encontra um pré-construído em Walter Benjamin (filósofo, escritor, crítico literário alemão), que publica um prefácio em 1923 com o título “A tarefa do tradutor”. Nesse texto, Benjamin trata, basicamente, sobre a vida e sobrevivência de textos por meio da tradução para outras línguas, assim como Casais Monteiro aborda a vida e sobrevivência da arte através da mediação da crítica. As duas sequências discursivas seguintes, da tradução de Fernando Camacho, revelam a historicidade nesse discurso:

(SD4) “[...] a vida da obra original chega até as traduções constantemente ‘renovada’ e com um desenvolvimento cada vez mais amplo e recente” (BENJAMIN, 2008, p. 28).

(SD5) “[...] também nenhuma tradução será viável se aspirar essencialmente a ser uma reprodução parecida ou semelhante ao original. Isto porque o original se modifica necessariamente na sua ‘sobrevivência’, nome que seria impróprio se não indicasse a metamorfose e ‘renovação’ de algo com vida” (BENJAMIN, 2008, p. 30).

Nesse movimento de sentidos através da história, podemos perceber que a arte, para Benjamin, tem sua vida renovada quando é traduzida, assim como quando é abordada pela crítica, para Casais Monteiro. Além disso, o pensamento de Benjamin também ressoa como um pré-construído por relacionar, no mesmo texto, a vida da arte com a crítica, a qual seria “um breve instante na sobrevivência da obra” (BENJAMIN, 2008, p. 34).

Seguindo nossa interpretação, podemos considerar não somente a crítica como fonte de vida, mas a arte como coisa viva. Essa concepção ressoa em Charles Baudelaire (escritor francês), que publicou, em 1863, um texto intitulado “O Pintor da Vida Moderna”. Nesse texto, Baudelaire aborda as concepções de arte, especialmente, da arte moderna. Trata sobre a sua essência e sobre como ela deve ser analisada. Nas sequências discursivas seguintes, podemos perceber a ligação com os deslizamentos de Casais Monteiro:

(SD6) “Agora, à hora em que os outros estão dormindo, ele está curvado sobre sua mesa, lançando sobre uma folha de papel o mesmo olhar que há pouco dirigia às coisas, lutando com seu lápis, sua pena, seu pincel, [...] E as coisas renascem no papel, naturais e, mais do que naturais, belas; mais do que belas, singulares e dotadas de uma ‘vida’ entusiasta como a alma do autor” (BAUDELAIRE, 1996, p. 23-24).

(SD7) “Ele buscou por toda a parte a beleza passageira e fugaz da ‘vida’ presente, o caráter daquilo que o leitor nos permitiu chamar de Modernidade. Frequentemente estranho, violento e excessivo, mas sempre poético, ele soube concentrar em seus desenhos o sabor amargo ou capitoso do vinho da ‘vida’” (BAUDELAIRE, 1996, p. 70).

Com esses fragmentos da obra de Baudelaire, identificamos uma relação intrínseca da arte com a vida. Ele procura descrever o ato de criação destacando como o sujeito autor – o artista – expressa a essência da vida em sua obra. Baudelaire mostra que o artista capta a vida com seu olhar e a registra no papel. Essa vida da arte perpassa a memória discursiva e é atualizada no texto de Casais Monteiro, ao ser relacionada com a crítica.

Através desses recortes de Benjamin e Baudelaire, podemos observar como a história produz sentidos, contribuindo com nossa interpretação. No entanto, precisamos reconhecer que nossa reflexão constitui-se como um gesto de leitura dentre muitos outros possíveis. A memória do dizer poderá ser diferentemente mobilizada por diferentes sujeitos.

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XX Jornada de Pesquisa

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através desse estudo, a partir dos conceitos da Análise de Discurso, observamos o deslocamento de sentidos, a transferência contextual provocada pela metáfora de Casais Monteiro, produzindo um efeito de sentidos ampliado, para além da literalidade dos termos.

A partir desse percurso de análise da metáfora, sugerimos que é possível produzir uma leitura do sujeito autor e do sujeito leitor. As metáforas facilitam o entendimento, ou seja, as concepções do autor são apresentadas com palavras familiares no cotidiano de seu público leitor. Desse modo, acreditamos que Casais Monteiro, na posição de autor, objetiva ser claro, possibilitando que o leitor compreenda seu texto. Retomando as condições de produção, lembramos que o principal público (o sujeito leitor) era o público leitor de jornais, ou seja, pessoas dos mais variados padrões sociais e intelectuais, cabendo essa preocupação com a linguagem.

Para finalizar nosso exercício de leitura – tendo presente a incompletude, reconhecendo que o discurso não se encerra, que não há leituras e reflexões fechadas –, podemos ainda pensar na forma como a metáfora nos ajuda a ler o texto. A metáfora analisada permitiu lermos o texto como propagador da ideia de que a crítica tem a função de trazer a obra para o presente, de garantir sua sobrevivência ao longo do tempo. Compreendemos que a arte precisa dessa mediação da crítica, para manter-se revigorada, e que precisa ser apreciada pelo seu valor enquanto arte, não apenas como um objeto histórico.

PALAVRAS-CHAVE: Análise de Discurso; Deslocamento de sentidos; Historicidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUDELAIRE, Charles. Sobre a modernidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- BENJAMIN, Walter. A tarefa do tradutor. Trad. Fernando Camacho. In: CASTELO BRANCO, Lucia (Org.). A tarefa do tradutor, de Walter Benjamin: quatro traduções para o português. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2008.
- CASAIIS MONTEIRO, Adolfo. Clareza e mistério da crítica. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.
- CASTRO ROCHA, João Cezar. Crítica literária: em busca do tempo perdido? Chapecó: Argos, 2011.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. Análise do discurso. In: ORLANDI, Eni. & LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy. Discurso e textualidade. Campinas: Pontes, 2006.
- _____. Análise de Discurso: princípios e procedimentos. 11. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013.
- PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Orgs.). Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3. ed. Campinas, SP: Unicamp, 1997.
- _____. Metáfora e Interdiscurso. In: Análise de Discurso: Michel Pêcheux. Textos Selecionados: Eni Pulcinelli Orlandi. 3. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XX Jornada de Pesquisa